Dia 10 — Santa Eulália de Mérida, Virgem e Mártir

Martirológio Romano

São Melquíades, papa, em Roma; o qual, tendo padecido muitos trabalhos na perseguição de Maximiano, restituída a paz à Igreja, morreu no Senhor. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Os santos mártires Carpóforo, presbítero, e Abundâncio, diácono, no mesmo dia; os quais, na perseguição de Diocleciano, primeiro foram cruelmente espancados, logo encarcerados sem lhes dar de comer nem de beber; depois voltaram a atormentá-los no cavalete e, ao cabo de outro longo encarceramento, foram degolados.

O martírio de Santa Eulália, virgem, em Mérida, na Espanha; a qual, no tempo do imperador Maximiano, sendo de doze anos de idade, por mandado do presidente Daciano padeceu muitos tormentos por haver confessado a Jesus Cristo; e finalmente, pendurada no cavalete, ali lhe arrancaram as unhas e com tochas acesas lhe abrasaram ambos os lados e, sufocada com a violência do fogo, entregou seu espírito ao Senhor. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Santa Júlia, virgem e mártir, na mesma cidade, companheira de Santa Eulália, da qual não se separou durante todo o tempo de seu martírio.

Os santos mártires Menas, Hermógenes e Eugrafo, martirizados no tempo de Galério Maximiano, em Alexandria. (Menas era um funcionário público encarregado de fazer cumprir os mandatos do Imperador. Tendo repreendido certo dia a Hermógenes porque com sua eloquência convertia muitos gentios, vendo que o servo de Deus não fazia caso de suas admoestações, mandou prendê-lo e logo arrancar-lhe a língua e os olhos. Mas dois dias depois de haverem sido executadas suas ordens, voltou a ver o Santo com os olhos e a língua recobrados. Admirado do portento e tocado da divina graça, abraçou a fé e foi batizado. Eugrafo era outro gentio que também fazia o ofício de notário nas execuções e que igualmente se converteu à vista dos milagres dos Mártires, e os três Santos foram juntamente degolados no ano de 307.)

Os santos mártires Mercúrio e seus companheiros soldados, em Lentini, na Sicília; os quais, no império de Licínio, por sentença do presidente Tertulo, foram degolados.

São Gemelo, mártir, em Ancira, na Galácia; o qual, depois de cruéis tormentos no tempo de Juliano, o Apóstata, tendo-o crucificado, consumou o martírio (no ano de 362. A exemplo do divino Salvador, pediu por seus verdugos estando pendente na cruz e com suas orações logrou a conversão de muitos).

São Sindulfo, bispo e confessor, em Viena.

São Deusdedit ou Deodato, bispo, em Bréscia.

A trasladação da santa Casa de Maria, Mãe de Deus, na qual se encarnou o Verbo divino, em Loreto, na Marca de Ancona. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Santa Eulália de Mérida, Virgem e Mártir

Santa Eulália[^1] não é menos célebre na Espanha que Santa Leocádia. Seu ardente desejo do martírio, sua heroica constância nos combates pela fé, sua magnanimidade nos mais horríveis tormentos, sua vitória e seu triunfo são outros tantos prodígios: talvez não se viu na Igreja coisa que mostre mais visivelmente o poder da Graça, nem talvez coisa que dê mais honra à Religião. Esta jovem heroína cristã, oriunda de uma nobre e antiga família da Espanha, era natural de Mérida, cidade célebre da Lusitânia, que nas divisões posteriores foi adjudicada com todo o seu território a Castela-a-Nova, na Extremadura, e não a Portugal, embora sua metrópole eclesiástica tenha sido trasladada a Santiago da Galiza. Veio ao mundo esta Santa no fim do terceiro século, tendo querido Deus dar nela o exemplo mais insigne da constância e da generosidade cristã no tempo da mais horrível perseguição que experimentaram os Cristãos.

Seus pais eram cristãos, e sua piedade os distinguia ainda mais que sua nobreza; e assim tiveram grande cuidado de educá-la nos princípios da Religião e nos sentimentos mais perfeitos da piedade cristã: tomou tão bem estas lições que desde a infância deu a conhecer bastante que estava destinada para o céu. Talvez não se viu jamais um natural mais ditoso, um espírito mais suave nem mais dócil, um coração mais nobre e umas inclinações mais cristãs que as que manifestou desde muito menina. Distinguia-se particularmente por sua mansidão, pela gravidade de seus costumes, por seu pudor e por sua modéstia. Não se viu jamais coisa pueril na jovem Eulália. Desde sua primeira infância lhe desagradaram todos os jogos, todos os vãos adornos, os pequenos prazeres que as crianças buscam com ânsia e em que se saboreiam naquela primeira idade: os anos seguintes ainda foram mais santos, como o manifestou o voto de virgindade que fez a Deus quando ainda não havia conhecido bem o preço e o mérito desta virtude.

Pode-se dizer que o desejo do martírio foi sempre sua paixão dominante. Seu maior gosto era ouvir contar os combates e os triunfos dos Mártires, cujas atas eram a matéria mais ordinária de sua leitura: quando ouvia falar das maravilhas dos Confessores de Jesus Cristo ou das Virgens cristãs,

perguntava logo se haviam sido mártires. Haviam-lhe dado por companheira uma donzela jovem chamada Júlia, quase de sua mesma idade e de suas mesmas inclinações. Suas mais frequentes conversações se reduziam, por via de regra, a falar da glória e ventura do martírio, e todas as suas pequenas disputas eram sobre a ambição que cada uma tinha de morrer pela fé.

Fazia Eulália todos os dias muitos progressos nos caminhos do Senhor quando os imperadores Diocleciano e Maximiano moveram a mais cruel perseguição contra a Igreja. Publicou-se o edito em Mérida, que ainda era então a capital de toda a Lusitânia: nele se intimava que todos os povos, sem exceção de idade, de sexo nem profissão, sacrificassem ou oferecessem incenso aos deuses do império, que é o mesmo que dizer aos demônios e a seus ídolos. A jovem Eulália tomou esta publicação por um sinal do combate a que era chamada para dar provas de sua fé; e ainda que então não tinha mais que doze anos, sentiu-se abrasada de um desejo extraordinário do martírio. Sua mãe o conheceu; e ainda que não ignorava seu ardor pelo martírio, pois sua filha lhe havia falado dele muitas vezes, a ternura de mãe não lhe permitia deixar que a jovem vítima seguisse os impulsos de seu zelo, e assim procurava temperar o ardor que admirava em Eulália; para o que lhe fazia pinturas vivas, mas espantosas, dos horríveis tormentos que se aparelhavam para os Confessores de Jesus Cristo: representava-lhe a desumanidade e a barbaridade dos verdugos: fazia-lhe uma miúda descrição dos diferentes gêneros de suplícios que se haviam inventado para atormentar os Cristãos; e exagerava séria e patética a fraqueza de muitos e suas deploráveis quedas. Eulália escutava com um rosto sereno tudo o que lhe dizia sua querida mãe, e suas respostas mostraram bastante o nenhum terror que a ocupava. Vendo sua mãe a pouca impressão que faziam naquele generoso coração as pinturas espantosas que lhe acabava de fazer para moderar seus ardentes desejos, temeu que este grande zelo a conduzisse a algum extremo; e assim determinou afastá-la das ocasiões. Sabendo que o tenente de Daciano chamado Calfurniano havia chegado a Mérida, tomou o partido de levar Eulália a uma casa de campo que tinha a algumas léguas da cidade e tê-la ali oculta para moderar seu ardor e estorvar que ela mesma se apresentasse a seus perseguidores; mas a Santa, animada do espírito de Deus e prevenida de uma graça de todo extraordinária, tornou inúteis todas estas precauções.

Querendo Calfurniano fazer um grande obséquio aos Imperadores e ao tirano Daciano, governador de toda a Espanha, na qual se incluía então a Lusitânia, creu que convinha assinalar sua prefeitura com um golpe ruidoso e aterrar desde logo os Cristãos, cujo nome tinha ordem de exterminar, juntamente com sua religião, empregando para isso todos os artifícios. Querendo, pois, informar-se de todos os que faziam profissão do cristianismo, fez publicar um dia de festa para os pagãos, no qual mandou que todos os habitantes assistissem ao sacrifício solene que queria fazer aos deuses do império. Tendo-se publicado esta ordem na cidade e no campo, sobressaltaram-se os pais de Eulália; e observando sua filha de mais perto, aumentaram seus desvelos e seus cuidados para tê-la escondida. Mas que podem todas estas indústrias humanas contra o espírito de Deus? Mal ouviu Eulália falar da ordem e edito do Prefeito, buscou todos os meios para burlar a vigilância de sua mãe. Determinou fugir da casa e apresentar-se ao tirano; e tendo confiado sua resolução a sua querida companheira Júlia, ambas tomaram a determinação de escapar secretamente de noite e de ir à cidade, onde não duvidavam de que haviam de achar o martírio. Tendo tomado com muito segredo todas as suas medidas, saíram ao anoitecer sem outro guia que o espírito de Deus e sem outro socorro que o ardor de seu zelo. Puseram-se ambas a caminho e marcharam com precipitação para a cidade. Como Júlia se adiantasse no caminho a sua companheira, disse-lhe

Eulália com espírito de profecia: Anda quanto depressa quiseres, que eu morrerei a primeira.

Estas duas jovens heroínas cristãs andaram toda a noite por caminhos extraviados, tão cheios de espinhos e de lajes que a jovem Eulália chegou com os pés esfolados e escorrendo sangue; mas nem isto, nem o horror das trevas da noite a acovardaram nem embaraçaram que, depois de haver caminhado assim mais de dez léguas, chegasse pela manhã à cidade. Meteu-se logo com Júlia no palácio do Prefeito e, apenas se abriu a audiência, apresentou-se animosa ao tribunal do Juiz. Foi o mesmo comparecer Calfurniano em seu dossel que (deixando-se Eulália levar do mesmo espírito que a havia feito dar estes primeiros passos) lançar-lhe em rosto com valentia a impiedade do culto que ele e os demais idólatras davam ao demônio, oferecendo incenso aos ídolos de madeira e de pedra. Surpreendido o Juiz ao ver a intrepidez de uma donzelinha que em seu ar e em seus modos parecia ser mulher de qualidade, perguntou-lhe quem era e por que falava com tanta ousadia. — Sou cristã, respondeu Eulália, e o Deus verdadeiro, todo-poderoso, eterno e único que adoro me inspira o horror que tenho a vossa impiedade. — Mas sabes tu, filha minha, replicou Calfurniano, sabes com quem falas e diante de quem estás? — Sim, replicou Eulália; sei que tenho a honra de falar com o subdelegado do Governador, e por isso mesmo tomo a liberdade de representar-lhe a impiedade que comete em querer obrigar os Cristãos a oferecer sacrifícios a uns deuses de madeira ou de pedra. Calfurniano, movido ainda a compaixão de uma donzelinha tão jovem, procurou ganhá-la, já fosse com promessas, já com ameaças; mas vendo que tudo era inútil e que persistia sempre em dizer que era cristã e que nada desejava tanto como dar seu sangue e sua vida por Jesus Cristo, mandou a dois verdugos que a agarrassem e a fizessem sofrer as torturas e tormentos destinados para os mais delinquentes.

Começaram descarregando sobre seu terno e delicado corpo uma tempestade de golpes com látegos armados de chumbo, os quais muito logo fizeram uma chaga de todo ele. Correndo o sangue em arroios por todas as partes, lançaram sobre as feridas azeite fervendo. O gozo e o alento com que sofreu estas primeiras provas fizeram conhecer facilmente que aquele por cuja causa padecia lhe comunicava umas forças sobrenaturais; e ficaram inteiramente convencidos de que era assim quando deste tormento se passou a outros suplícios e se aplicaram tochas acesas aos lados e sobre o estômago. Da parte de nossa Santa tudo eram bênçãos, louvores e ações de graças a Deus. Sua constância em meio de tão cruéis suplícios irritou tanto a desumanidade do Juiz e dos verdugos que, depois de haver-lhe deslocado todos os membros com uma cruel tortura, rasgaram-lhe todo o corpo até os ossos com unhas de ferro muito pontiagudas. Durante este horrível tormento a Santa não cessava de dar graças a Jesus Cristo porque lhe dava alguma parte em seus sofrimentos. Até aqui havia tido os olhos levantados ao céu: agora, olhando todo o seu corpo rasgado e como gravado a buril com as pontas de ferro, que não haviam deixado em seu corpo lugar algum sem sua ferida, exclamou: Eis aqui, divino Salvador meu, uns caracteres que me fazem um resumo de tua paixão e que dizem que sou agora esposa tua; acaba, por tua misericórdia, de fazer minha alma menos indigna de tal esposo. Vendo os verdugos que nenhuma coisa podia alterar seu gozo e sua tranquilidade nem debilitar sua constância, tomaram a bárbara resolução de queimá-la viva. Acenderam para isso uma grande fogueira ao redor da Santa. A chama pegou logo em seus cabelos, que estavam estendidos honestamente por seu pescoço e costas. O poeta Prudêncio, que vivia no fim do mesmo século e que escreveu em verso seu martírio, diz que esta generosa virgem tinha tão grande desejo de morrer por Jesus Cristo que, enquanto durou o martírio, esteve com a boca aberta; de sorte que a chama a sufocou,

consumando assim seu glorioso martírio no dia 10 de dezembro do ano 303 ou 304. O mesmo historiador acrescenta que no momento em que expirou se viu sair de sua boca uma pomba de uma brancura extraordinária, que foi vista de todo o mundo e tomou o voo para o céu. Os verdugos e os soldados pagãos que assistiram à execução foram também testemunhas deste prodígio; e ninguém duvidou de que fosse figura ou símbolo da alma da bem-aventurada Mártir, que ia receber no céu a coroa devida a sua inocência e a seus combates. Quando se apagaram as chamas, encontrou-se o corpo todo inteiro, não havendo padecido lesão alguma com o fogo: logo caiu uma abundante neve que o cobriu e facilitou aos Cristãos o meio de enterrá-lo perto do sítio de seu martírio. O Breviário gótico acrescenta que a santa virgem foi encarcerada com prisões e que foi crucificada. Alguns Breviários antigos da Espanha, com a autoridade de muitos santorais manuscritos, acrescentam que foi metida em cal viva. Doze anos tinha Eulália quando padeceu.

Apenas a Igreja logrou a paz que lhe procurou o grande Constantino, o que sucedeu poucos anos depois do martírio desta Santa, fabricou-se uma magnífica igreja sobre seu sepulcro, o qual Deus fez glorioso com um prodigioso número de milagres. São Gregório de Tours diz que em seu tempo se viam três árvores diante do altar de suas relíquias, as quais no dia da festa, no mês de dezembro, produziam flores de um odor maravilhoso que curavam toda sorte de enfermidades. O corpo desta Santa foi levado de Mérida a Oviedo, no século VIII, para livrá-lo dos insultos dos sarracenos, onde se conserva na igreja catedral no altar particular dedicado a seu nome, numa arca de prata lavrada de ataujía, que mostra grande antiguidade. Há na Espanha muita devoção a esta Santa, tomando seu nome muitas mulheres, especialmente nos reinos da Andaluzia e de Toledo. Também se sabe que o rei Dom Pelaio, restaurador da Espanha, mandou-se enterrar numa igreja desta Santa, chamada Santa Olalla de Velania, por havê-la chamado em seu favor numa batalha com os mouros e vencido a estes. Assim mesmo, tendo o rei Teodorico dos godos cercado Mérida, socorreu-a Santa Eulália e livrou-a de ser arrasada, mandando em sonhos ao Rei que levantasse o sítio, o qual fez o que lhe mandou a Santa.

Santa Júlia, sua querida companheira, foi igualmente presa e condenada a cortar-lhe a cabeça; o que se executou depois da morte de Santa Eulália, verificando-se sua predição de que morreria a primeira, ainda que chegasse a última.

Nota do tradutor

O autor diz que Santa Eulália morreu depois de sua companheira Santa Júlia e, em consequência disto, põe na boca desta a profecia com que manifestou a Santa Eulália que morreria a primeira, embora chegasse a última à casa do Governador; mas como todos os nossos autores e santorais digam o contrário, assim se pôs na tradução.

A Trasladação da Santa Casa de Loreto

Era justo que a Igreja da Espanha tivesse uma festa particular para celebrar a comum alegria e grande consolo que receberam todos os fiéis quando a majestade de Deus se dignou estabelecer no seio da Igreja aquela santa mansão em que se operaram tantos mistérios e maravilhas. Sua história é verdadeiramente admirável; mas que obras de Deus não merecerão justamente todas as nossas admirações? É certo que, se Deus não fosse capaz de fazer muito mais do que podem imaginar os homens, e se o humano discurso e as débeis regras da crítica houvessem de ser os limites a que se houvesse de estreitar a divina onipotência, esta teria mais de ilusão que de verdade. Mas os homens, descendentes legítimos e herdeiros das debilidades daquele que quis ter uma sabedoria como a de Deus, pretendem com igual soberba dar por verdadeiro ou falso o que eles concebem por tal, talvez segundo seus caprichos; e examinam as obras de Deus e as qualificam de apócrifas ou legítimas segundo as regras de sua vontade. Por esta causa, o fato da presente festividade, que se reduz a haver sido trasladada de Nazaré à Dalmácia, e depois ao Piceno, aquela santa casa em que o Verbo divino se vestiu de carne mortal, sofreu dos próprios e estranhos tantos exames, tantas contradições que teria sido inteiramente destruído ou difamado se a piedade sólida, unida com a verdadeira sabedoria, não se houvesse empenhado em sustentar sua autenticidade. Do número destes esclarecidos varões foram o venerável Pedro Canísio, o grande Barônio, seu continuador Reinaldo, Turselino, Turriano, Venzônio e outros infinitos que seria longo referir. Fizeram-se várias comprovações para certificar-se da identidade da santa Casa por comissão de vários sumos Pontífices, sendo os agentes homens virtuosos, desinteressados, ingênuos e amantes da verdade; e achou-se, depois de tudo, que nosso Deus e Senhor quis favorecer os Cristãos nos tempos mais calamitosos com um dos maiores favores que dispensou jamais sua divina misericórdia. Este foi a trasladação da santa casa de Nazaré, onde se criou e habitou a santíssima Virgem, ao campo lauretano por ministério de Anjos, cuja história, deduzida dos autores que melhor a escreveram, é como se segue:

Depois que nosso Redentor Jesus redimiu o mundo por meio de uma morte ignominiosa e que por meio de sua Ressurreição e gloriosa Ascensão subiu triunfante aos céus, ficou sua santíssima Mãe triste, sozinha e desamparada. Eram-lhe já enfadonhos aqueles lugares e sítios de Jerusalém, onde seu Filho havia feito tantos milagres e havia manifestado ao mundo sua doutrina. Em todos eles não via outra coisa que a imagem daquela morte sangrenta com que haviam tirado do meio dos homens o filho de suas entranhas. Para não ver tão funestas imagens, retirou-se a sua casa de Nazaré, onde havia sido criada e onde o divino Verbo havia baixado a tomar carne de suas entranhas puríssimas. Nesta mansão ditosa foi onde a visitaram os Apóstolos, onde a serviu e cuidou o evangelista São João, e onde os primeiros fiéis celebravam os divinos mistérios, vendo-se naquele curto recinto congregada muitas vezes a augusta, a santa, a magnífica, mas nascente Igreja. Tendo vivido a santa Virgem aquele tempo que seu Filho julgou necessário para que com sua doutrina se arraigasse mais fortemente o Evangelho e com sua presença cobrassem novos ânimos os propagadores do cristianismo, chegou aquela hora bem-aventurada em que, embriagada sua alma santíssima do amor de seu Esposo, saiu fora de si num dulcíssimo e

soberano êxtase, que a trasladou da terra ao céu, e só com muita impropriedade pode chamar-se morte. A santa casa em que se operaram tão grandes maravilhas, que deu abrigo a Jesus, Maria e José, e cujo terreno foi consagrado com a augusta presença de tão grandes personagens, começou logo a receber dos fiéis aquela veneração e respeito que de justiça se lhe devia. É tradição que, ainda vivendo nela a santíssima Virgem, foi consagrada por São Pedro em igreja, e que o príncipe dos Apóstolos e vigário de Jesus Cristo celebrou nela o incruento sacrifício, dando o sagrado corpo e sangue de seu filho Jesus a sua Mãe santíssima, que o recebia no adorável Sacramento com toda a ternura e devoção de sua alma. Por esta causa o altar interior que existe atualmente na mesma santa Casa se chama altar de São Pedro, aludindo sem dúvida a esta antiga tradição.

Assim se foi conservando a veneração daquela santa Casa até o princípio do século IV, em que, dada a paz à Igreja por Constantino, o Magno, houve ocasião de dar-lhe novo esplendor, sendo maior a liberdade dos Cristãos para professar sua religião e coadjuvando a piedade e grandeza de Constantino e de sua mãe Santa Helena. Estabelecida a corte deste Imperador, pelo que diz respeito ao Oriente, na nova Roma edificada por ele, à qual deu o nome de Constantinopla, que quer dizer cidade de Constantino, começou Santa Helena a dar uma particular veneração àqueles santos lugares em que havia obrado nossa redenção Jesus Cristo. À casa de Nazaré, como tão principal entre todos eles, coube a sorte de ser erigida em templo, formando-se suas paredes ao redor da santa Casa, e em seu frontispício mandou pôr esta inscrição: *Esta é a ara em que se pôs o fundamento da salvação do homem.* Nos primeiros tempos foi chamada esta igreja a casa da Encarnação, e durou nela por muitos séculos o fervor dos fiéis como a um particular santuário. Não somente a Ásia, mas a África e a Europa enviavam de contínuo muitos peregrinos piedosos que, solícitos de ver por seus olhos aqueles lugares sagrados em que se havia obrado nossa salvação, nem os caminhos longos os amedrontavam, nem eram parte os multiplicados perigos para que deixassem de pôr por obra suas santas intenções. São Jerônimo faz menção desta igreja na epístola a Eustóquio, por estas palavras: *É Nazaré, onde viveu Cristo, uma aldeia da Galileia perto do monte Tabor, pelo que Nosso Senhor Jesus Cristo se chamou Nazareno. Tem uma igreja no lugar em que entrou o Anjo a saudar a santíssima Virgem, e outra onde Jesus Cristo foi criado.* Nestas palavras se dá bastante a entender a veneração em que aquele sítio era tido dos fiéis; mas sobrevieram depois tempos borrascosos, e sua piedade teve de sujeitar-se a todas as vicissitudes a que estão expostas as coisas humanas. No ano de 700 foi tomada Jerusalém pelos sarracenos, e em sua consequência foram prostituídos todos os Santos Lugares. No de 1050 ocuparam os turcos não somente Jerusalém, mas também toda a Síria; mas formando Urbano II uma liga de príncipes católicos para a recuperação da Terra Santa, concorreram poderosos exércitos de todas as partes do mundo cristão; e no ano de 1100 voltaram os Cristãos à posse de Jerusalém e da Síria. Sobrevieram depois os partos, e foi perdida outra vez Jerusalém, destruída e saqueada por aqueles bárbaros, sem que as lágrimas que derramavam os fervorosos cristãos ao ver seus desacatos e crueldades lograssem piedade de seus corações cruéis e misericórdia do Deus das vinganças, cuja justiça estava irritada. São Luís, rei da França, movido de sua piedade e das instâncias do Vigário de Jesus Cristo, juntou um exército poderoso e, no ano de 1245, embarcou-se com ele para a Síria, com ânimo de libertá-la do jugo dos infiéis. Quem creria que uns intentos tão santos não tivessem da parte de Deus todo aquele auxílio e proteção necessária para serem levados a devido efeito? Mas os juízos de Deus são muito distintos dos juízos do homem, e o que pretenda averiguar seus arcanos será oprimido da glória. A peste e a mortandade assolaram o exército de São Luís; e, acometido dos bárbaros, foi derrotado e vencido e feito prisioneiro. Talvez esta calamidade foi uma

especial disposição da divina Providência para que se restabelecesse a devoção à santa casa de Nazaré. Haviam vencido os sarracenos a São Luís; mas não haviam arrancado de seu coração aquele zelo e amor à Religião que o havia conduzido a tão remotos países deixando as delícias de seu reino. Portanto, todo o tempo que esteve prisioneiro se empregou em restaurar a devoção e culto aos Santos Lugares, e muito particularmente à santa casa de Nazaré, na qual se conservam ainda algumas memórias dos dons com que a adornou e enriqueceu sua piedade régia. No ano de 1268, Bendocdar, general do Sultão, tomou Antioquia, tendo matado ao fio da espada dezessete mil cristãos e reduzindo outros cem mil a miserável escravidão. No de 1289, o Grande Sultão acometeu Tiro e Sidon, tendo tomado antes e destruído Trípoli; e obrando de acordo com ele a facção dos gibelinos, incitaram-no no ano de 1291 a que tomasse e destruísse Ptolemaida, capital da Fenícia e único asilo que naquelas partes tinham os Católicos. Executou-se assim, e perderam os Cristãos o reinado na Síria, e toda a Palestina e Santos Lugares ficaram expostos desde então aos desacatos dos infiéis. Pagou bem o Sultão seu atentado e temeridades, pois no ano seguinte, quando pensava invadir Chipre e fazê-la escrava de seu poder, foi assassinado pelos seus, perdendo de um só golpe a vida e o reino.

Nesta última ação contrária aos Cristãos ficou a casa de Nazaré exposta aos ultrajes e abominações de uma gente pérfida, inimiga do nome de Cristo. Mas Deus, que queria que aquela adorável mansão em que sua onipotência havia executado as maiores obras tivesse a veneração e culto que se lhe deviam, dispôs outra obra não menos digna de sua grandeza e poder, a qual foi a trasladação desta santa Casa a terra de cristãos. No dia 9 de maio de 1291, quer fosse por um soberano decreto de sua onipotência, quer por ministério de Anjos, a santa casa de Nazaré foi arrancada de seus alicerces e trasladada a Tersato, lugar da Dalmácia. O descobrimento desta trasladação foi prodigioso. Achava-se enfermo gravemente o pároco do território de Tersato, chamado Alexandre: sua enfermidade o havia conduzido a termos que nenhuma esperança havia de que pudesse salvar a vida. Faziam-se todas as disposições para os funerais, e todos os assistentes e paroquianos seus já o contavam por defunto. Neste mesmo tempo veem que se levanta da cama são, robusto e como se tal acidente não houvesse tido. Ficam todos suspensos e pasmados ao ver um caso tão maravilhoso: todos acodem a ele a perguntar-lhe a causa e a que lhes decifre quem foi o agente de tão grande maravilha. Então o pároco lhes anunciou a todos como, estando aos umbrais da morte, lhe havia aparecido a Mãe de Deus, lhe havia avisado de como num colo vizinho estava a santa casa de Nazaré, que acabava de ser ali trasladada, e que, dito isto, a santíssima Virgem havia desaparecido, deixando-o perfeitamente são e convalescido de sua dolência. A relação de Alexandre causou não menos admiração nos que o ouviam do que havia causado o milagre de sua saúde repentina. Todos se encaminharam ao colo imediatamente, sem que ficasse na povoação de Tersato pessoa que não aspirasse a ser a primeira testemunha de uma tão grande misericórdia de Deus. Mas quanta foi sua admiração e ternura quando, ao chegar ao colo, acharam uma casa muito antiga e pequena, em figura de capela, a qual nenhum daqueles habitantes havia visto jamais naquele sítio! Quanta sua consolação quando, entrando dentro, acharam um altar em frente da porta com uma imagem de Cristo crucificado e num nicho da parede uma efígie de Maria santíssima com o menino nos braços, feita de cedro e na mesma figura que lhes havia explicado antes o Pároco, a quem foi também revelado que haviam sido feitas por São Lucas! Qualquer cristão que sente dentro de seu coração os verdadeiros sentimentos de piedade que é capaz de produzir nossa Religião sacrossanta se persuade facilmente de que aqueles fiéis venturosos se prostrariam humildemente, beijariam mil vezes aquele solo sagrado e

derramariam copiosas lágrimas de agradecimento e de ternura. Cresceu esta notavelmente quando, observando a celestial casinha com mais atenção, viram no fim dela uma janela quadrada, que logo supuseram ser por onde entrou o Anjo a anunciar a Maria a encarnação do Verbo divino, e ao fundo dela uma chaminé onde tantas vezes se abrigariam do frio e gastariam muito tempo em celestiais conversações Jesus Cristo, sua Mãe santíssima e seu pai putativo José. A um lado da porta, num canto à mão esquerda, acharam também um aparador onde encontraram alguns poucos pratos e umas escudelas de barro em que tomavam seu pobre alimento as três augustas pessoas desta sagrada família. É indizível a ternura, alegria, admiração, compunção, sobressalto, lágrimas e outros semelhantes afetos que experimentou aquela venturosa gente: deram a Deus graças infinitas por tamanho benefício e publicaram o caso por todas as regiões circunvizinhas.

Não somente os dálmatas, mas os eslavões, os croatas e os habitantes dos países mais remotos vinham em tropas a visitar aquela bem-aventurada habitação e honrá-la com dons e votos, manifestando uma piedade verdadeiramente cristã. Mas muito em breve começou a desconfiança dos homens a manifestar-se, duvidando da identidade da casa e pondo dificuldades sobre a possibilidade do sucesso. Para desvanecer uma e outra pensaram os dálmatas enviar a Nazaré pessoas de autoridade e fidedignas que, confrontando as medidas da casa com os alicerces que haviam ficado em Nazaré e examinando com sagacidade as demais circunstâncias da trasladação, declarassem, sob juramento, se esta se havia de ter por verdadeira ou por apócrifa. Enviaram-se com efeito três sujeitos dos mais nobres e distintos da Dalmácia, juntamente com o pároco Alexandre, os quais, chegados a Nazaré, fizeram uma confrontação escrupulosa das medidas e do tempo, e acharam que tudo provava a identidade da casa e a verdade da trasladação. As paredes da santa Casa, que estava no colo de Tersato, correspondiam exatamente no grosso, largura e comprimento aos alicerces que haviam ficado em Nazaré, e os habitantes deste povoado, não obstante ser gente bárbara e inimiga do cristianismo, confessaram ingenuamente o dia e a hora em que a haviam sentido a falta, que eram pontualmente os mesmos em que o Pároco havia tido a revelação, havia sido sanado de sua enfermidade e haviam visto no colo aquele desconhecido edifício. Depois desta averiguação era a santa Casa venerada e frequentada muito mais dos fiéis; mas contudo não tinha toda aquela veneração e toda aquela segurança que poderia ter estando colocada no seio da Igreja. Portanto, aos três anos e nove meses de haver sido trasladada a Tersato, quis Deus fazer desta santa Casa uma nova trasladação, fazendo que seus santos Anjos atravessassem com ela pelos ares o mar Adriático e a levassem à Marca de Ancona, colocando-a numa selva quatro milhas distante da cidade de Recanati e uma do mar. Sucedeu esta segunda trasladação no dia 10 de dezembro do ano de 1294, em cujo dia a celebra a Igreja. A selva onde foi colocada a santa Casa era posse de uma nobre senhora de Recanati chamada Laureta, de cujo nome veio logo depois a chamar-se aquele famoso santuário Nossa Senhora de Loreto. O concurso de peregrinos e de famílias inteiras que começaram a frequentar aquele sítio, vindo em peregrinação das terras mais remotas, fez que se detivessem ali várias famílias e formassem suas habitações, do que se formou uma cidade que se chamou Loreto, à qual Sixto V rodeou de muralhas. Neste mesmo recinto se diz também que a santa Casa mudou de situação por duas vezes: a uma, para evitar que os peregrinos fossem assaltados dos assassinos e ladrões que se ocultavam na espessura da selva, e a outra, para cortar o pleito de dois irmãos que disputavam mutuamente a posse do terreno em que estava a santa Casa. O certo é que está situada num terreno ameno e fertilíssimo e de um ar saudável, depois que foi talada a selva que a cingia e dessecada uma grande lagoa que exalava vapores pouco sãos.

Referir a grandeza desta santa Casa, a nobreza e majestade de seu edifício, as imensas riquezas com que a enriqueceram à porfia os sumos Pontífices, os Imperadores, os Reis, os Cardeais e todas as pessoas poderosas do universo seria empreender um trabalho incapaz de reduzir-se à estreiteza de poucas páginas e de pouca utilidade para o principal fim que se pretende na relação destas festividades. Há livros inteiros onde pode vê-las o curioso; por ora baste dizer que o templo edificado por Paulo II com o desenho de Bramante, compreendendo em seu centro a santa Casa, é da maior magnificência e grandeza que se pode imaginar. Os inteligentes sabem que, sendo pensamento de Bramante, tem o bastante para acreditar a grandiosidade e nobreza de sua arquitetura. Pelo que corresponde a estátuas de mármore e de bronze, baixos-relevos, mármores preciosos primorosamente embutidos de pedras finas, pinturas dos mais famosos artífices e demais adornos de toda classe, não cede a nenhum outro templo do mundo. A multidão de sacerdotes penitenciários e demais assistentes para celebrar os divinos ofícios com sagrada pompa e majestade é numerosíssima, e não faltam hospitais bem providos e todo gênero de provisões para que se hospedem comodamente os inumeráveis peregrinos que diariamente concorrem de todas as partes a venerar a santa Casa, já sejam príncipes e grandes senhores, já sejam cavaleiros e nobres, ou bem sejam pobres e plebeus. O que mais surpreende a quantos visitam este grande santuário da cristandade é o rico e imenso tesouro que possui de ouro, prata e pedras preciosas, em tanta cópia que com dificuldade se encontrará no mundo outro sítio onde se vejam juntas tantas preciosidades. São muitos os salões e os armários em que se custodiam grande multidão de lâmpadas, brandões, castiçais, cruzes, custódias, cálices, incensórios, coroas imperiais e aras, cadeias, tosões, anéis, peles e outras inumeráveis peças artificiosas feitas de ouro, prata, cristal de rocha, com ricas guarnições de diamantes, esmeraldas, safiras, topázios, crisólitos, ametistas, pérolas grossas, e quanto pode imaginar-se de raro, de rico e de precioso. O Sr. Filipe IV, rei da Espanha, deu à Senhora um vestido com cinquenta e oito botões e cento e doze alamares, tudo de ouro vazado, e engastados em diferentes partes do vestido seis mil cinquenta e quatro diamantes, muitos deles de uma magnitude e brilhantismo assombroso. A senhora duquesa de Uceda presenteou a Maria santíssima um globo, um grande cacho ou um montão de diamantes, rubis e esmeraldas, tudo cravejado de ouro, e sobre ele um pelicano formado de um grande rubi em ademã de ferir o peito para alimentar seus filhos. A esta semelhança são todos os demais dons que se guardam naquele santuário, feitos pelos maiores príncipes e senhores que teve a terra. Os sumos Pontífices, possuidores de tão grande riqueza, conhecendo muito bem que um tesouro tão imenso, à distância de uma milha do mar, provocava um assalto repentino e estava exposto a uma incursão de piratas, guarneceram-no de fortins e muralhas, colocando bastante artilharia e o número de tropa necessário para guarnecê-lo. À proporção das riquezas temporais que se conservam nesta santa Casa são também os espirituais benefícios que ali recebem os fiéis. Os penitenciários são muitos e de todas as línguas conhecidas. Quantas indulgências e graças conferiram os sumos Pontífices a São João de Latrão, a Santa Maria Maior, aos Santos Lugares de Jerusalém, ao sepulcro de Santiago, à igreja de São Pedro e a todas as demais basílicas do mundo, todas estão concedidas igualmente à santa casa lauretana. É verdade que este santuário é também o mais digno de quantos há no mundo pelas grandes obras que nele se fizeram. Nesta santa Casa foi concebida sem pecado original, nascida e educada a sempre Virgem Maria. Nela viveu por espaço de muitos anos com seu santo esposo José. Nesta Casa recebeu esta santa donzela aquela augusta embaixada de toda a santíssima Trindade, por meio do arcanjo São Gabriel, à qual, dando seu consentimento, o Verbo divino se fez homem em suas puríssimas

entranhas, que é a obra maior da onipotência. Dito isto, deixa-se conhecer facilmente a multidão de prerrogativas, graças e dons que lhe são devidos por haverem-se obrado nela tantos e tão grandes mistérios, e com quanta razão e justiça celebra a Igreja da Espanha esta festividade, convidando os fiéis a que testifiquem seu agradecimento ao Deus das misericórdias por meio do culto e veneração que tributem a esta santa Casa.

São Melquíades ou Milcíades, Papa

São Melquíades, que segundo alguns nasceu em Madri, sucedeu a Eusébio na cátedra de São Pedro, tendo sido eleito para aquela dignidade no dia 2 de julho do ano 311, imperando Maxêncio. Constantino venceu aquele tirano em 28 de outubro de 312 e pouco depois publicou seus editos para que os Cristãos tivessem o livre uso de sua religião e a liberdade de erigir igrejas. Para apaziguar os gentios que andavam inquietos com esta concessão, quando chegou a Milão, no ano de 313, por um segundo edito concedeu a todas as seitas, menos aos hereges, a liberdade de consciência. Entre as primeiras leis que estabeleceu em favor dos Cristãos, isentou numa o clero de toda carga de tributos e ofícios concelhios. Obrigou todos os seus soldados a rezar todos os domingos uma oração dirigida a um só Deus, e não houve idólatra que escrupulizasse em fazê-lo. Aboliu as festividades gentílicas e os mistérios em que tinham parte as meretrizes públicas. Como a impureza contranatural estava entre os romanos quase sem freio e a luxúria e o abandono se fez tão geral entre eles, começaram a fugir do matrimônio para seguir com mais liberdade o ímpeto de suas paixões. Por esta causa Augusto viu-se na precisão de animá-los àquele estado pelas leis e mandar a todos os homens que se casassem, impondo pesadas multas e cargas aos desobedientes. Contidos algum tanto os abusos com a religião cristã, e com muito mais eficácia do que poderiam as leis humanas, Constantino repetiu a lei Popeia em favor do celibato; e também fez outra lei castigando o adultério com pena de morte. Regozijava-se o bom Papa ao ver a prosperidade da casa de Deus e com seu zelo estendeu grandemente seus limites; mas teve também a pena de ver sua grei aflita e transtornada com uma divisão intestina, no cisma donatista que correu com tanta fúria pela África. Acusado falsamente Mensúrio, bispo de Cartago, de que havia entregado os sagrados livros aos perseguidores, Donato, bispo de Casas Negras, na Numídia, separou-se injustamente de sua comunhão e continuou seu cisma ainda depois que Ceciliano sucedeu a Mensúrio na cátedra de Cartago, juntando-se-lhe vários inimigos daquele bom Prelado, especialmente uma senhora muito poderosa chamada Lucila, que tinha vários ressentimentos pessoais com Ceciliano, sendo este diácono daquela igreja. Os cismáticos apelaram a Constantino, que estava então nas Gálias, e suplicaram-lhe que enviasse à África três bispos daquele país a quem eles nomearam determinadamente para que julgasse sua causa contra Ceciliano. O Imperador lhes concedeu os juízes que lhe pediam; mas mandou por meio de uma carta que os tais bispos passassem a Roma, juntamente com os que da Gália enviava aquele Príncipe com outra em que lhe suplicava que o papa Melquíades examinasse aquela controvérsia e a decidisse conforme a justiça e equidade. O Imperador deixou aos bispos a decisão deste negócio, porque era peculiar dos bispos. O papa Melquíades abriu um sínodo no palácio de Latrão em 2 de outubro de 313, ao qual se acharam presentes Donato de Casas Negras e Ceciliano de Cartago, no qual este último foi pronunciado inocente pelo Papa e pelo concílio de quantos cargos lhe haviam feito. Donato foi o

único que o condenou naquela ocasião: aos demais bispos que haviam aderido a este permitiu-se conservar suas sés contanto que renunciassem ao cisma. Santo Agostinho, falando da moderação de que usou o Papa, chama-o homem excelente, verdadeiro filho de paz e pai dos Cristãos. Contudo, os Donatistas, depois de sua morte, recorreram a suas comuns e costumadas armas da calúnia para manchar a pureza de seu caráter e pretenderam também imputar-lhe que havia entregado as Escrituras santas aos perseguidores: cuja mentira chama Santo Agostinho maliciosa e infundada calúnia. São Melquíades morreu em 10 de janeiro de 314 e foi enterrado na via Ápia, no cemitério de Calisto. Em alguns calendários é intitulado mártir, sem dúvida por razão do muito que teve que sofrer nas anteriores perseguições. (Butler.)

São Invento, Chamado em Vulgar Catalão São Trobat, Mártir, e os Trezentos e Cinquenta e Nove Mártires, Cujas Relíquias Se Conservam na Igreja de São Félix de Gerona

Na igreja colegial de São Félix de Gerona honra-se a memória de trezentos e sessenta Mártires, cujas sagradas relíquias possui, os quais padeceram, se não todos, ao menos grande parte deles, no tempo dos imperadores Diocleciano e Maximiano, sendo presidente na Espanha o cruel Daciano e lugar-tenente deste Rufino, o mesmo que tirou a vida a São Félix. Crê-se que são do número já dito todos aqueles cristãos que estavam ouvindo a missa quando foi morto o bem-aventurado bispo São Narciso, neste mesmo tempo de Diocleciano e Maximiano, e que foram ali sacrificados pelos gentios. São Invento indubitavelmente seria daquela multidão de bem-aventurados cavaleiros de Cristo. Este Santo é advogado especial contra as febres que chamam quartãs, e por isso na cidade de Gerona o têm em muita devoção, e até nossos tempos se celebra dele particularmente na dita igreja, nomeando-o na coleta da missa, e é costume ali dizer esta: *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut intercedente beato Invento martyre tuo, et a cunctis adversitatibus liberemur in corpore, et a pravis cogitationibus mundemur in mente. Per, etc.* Está pintado este Santo no retábulo novo de Nossa Senhora do Rosário da dita igreja de São Félix, e também o estava no velho, que era antiquíssimo.

O número dos Mártires se tira de um sumário impresso de indulgências da mesma igreja de São Félix; o qual diz que nela está o corpo do glorioso São Narciso com as relíquias de São Félix e com outros trezentos e sessenta Mártires. O mesmo dizem certas bulas do Papa que se acham no arquivo da precitada igreja. (Dom., *Hist. Sant. Cat.*)

Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Eulália, e a oração é a que segue:

> **Latim:** *Omnipotens sempiterne Deus, qui infirma mundi eligis ut fortia quæque confundas: da nobis in festivitate sanctæ virginis et martyris tuæ Eulaliæ congrua devotione gaudere; ut et potentiam tuam in ejus passione laudemus, et promissum nobis percipiamus auxilium. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Deus todo-poderoso e eterno, que escolheis o mais débil do mundo para confundir o mais forte, fazei que celebremos com alegria e devoção a festa de Santa Eulália, virgem e mártir, para que louvemos vosso poder em sua paixão e experimentemos os auxílios que nos prometestes. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 10 da primeira carta do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 10,20-23

> **Latim:** 20 Sed quæ immolant gentes, dæmoniis immolant, et non Deo. Nolo autem vos socios fieri dæmoniorum : 21 non potestis calicem Domini bibere, et calicem dæmoniorum ; non potestis mensæ Domini participes esse, et mensæ dæmoniorum. 22 An æmulamur Dominum ? numquid fortiores illo sumus ? Omnia mihi licent, sed non omnia expediunt. 23 Omnia mihi licent, sed non omnia ædificat.

Português: 20 Antes digo, que as cousas que sacrificão os Gentios, as sacrificação aos demonios, e não a Deos. E não quero que vós tenhais sociedade com os demonios: não podeis beber o calis do Senhor, e o calis dos demonios: 21 não podeis ser participantes da meza do Senhor, e da meza dos demonios. 22 Queremos por ventura irritar com zelos ao Senhor? Acaso somos nós mais fortes do que elle? Tudo me he permittido, mas nem tudo me convem. 23 Tudo me he permittido, mas

nem tudo edifica.

Nota do tradutor. No Missal da Espanha, a epístola que se diz na missa desta Santa é do capítulo 51 do Eclesiástico, que começa: *Confitebor tibi, Domine.*

Reflexões

O que os gentios sacrificam, sacrificam-no aos demônios e não a Deus. Foi superstição nos pagãos comer viandas consagradas aos ídolos vãos; foi piedade nos judeus comer umas vítimas oferecidas ao Deus verdadeiro; mas entre os Cristãos é o ato mais santo e mais agradável de religião comer a hóstia viva sacrificada sobre nossos altares. E pois que um Deus, oferecendo-se em sacrifício para honrar a seu Pai, quer dar-se para ser alimento de seu povo, deve-se, pode-se assistir jamais sem desejo, ao menos, de comer da vítima? Mistério de amor de um Deus que ama como Deus, quão incompreensível sois! Mas a incompreensibilidade não está neste milagre de amor: a onipotência de um Deus, o amor infinito de um Deus que ama como Deus, tudo isto faz calar minha razão demasiado débil e demasiado limitada para que se atreva a pôr medidas a uma potência infinita; ao menos eu compreendo que não posso compreender tudo o que Deus pode fazer. Mas o que sobrepuja minha razão, o que altera e remove todo o meu espírito é que, crendo verdadeiramente que Deus fez em meu favor este prodígio, não tenha nem experimente em mim mais que uma mediana fome deste divino alimento, que me seja insípido e desagradável; este é um mistério de iniquidade que eu não posso compreender. Não podeis, diz o Apóstolo, ter parte na mesa do Senhor e na dos demônios, nem participar do sacrifício do corpo e sangue de Jesus Cristo e assistir depois às concorrências mundanas, onde se sacrifica ao demônio da gula e da impureza. Não podeis ir a nossos templos a comer o Cordeiro sem mancha e não sair deles senão para fartar-vos das viandas do Egito. Isto é com efeito passar da mesa do Senhor à mesa dos demônios. Ter um cristão provado somente as viandas sacrificadas aos ídolos era olhado como uma apostasia; e a Igreja lançou sempre de si estes escandalosos apóstatas. Que devemos pensar nós daqueles que, depois de haver participado pela manhã da mesa do Senhor, se encontram à tarde no banquete, por dizê-lo assim, que apareja o demônio a seus sequazes nos espetáculos e nas concorrências profanas? A quem não alteram e removem, meu Deus, estas contradições de conduta e de crença? Escolhei, Cristãos: ou as delícias que se provam na mesa do Senhor, ou as que se esperam provar na mesa do demônio. Mas pode-se vacilar um ponto entre um amigo terno que nos prepara um banquete para testificar-nos seu amor e um amigo cruel que não nos convida senão para envenenar-nos? Temei, temei a falsa doçura da taça que vos apresenta; é um engodo este para fazer-vos beber o veneno que deve embriagar-vos e causar-vos a morte. Quando, depois de haver provado as doçuras do serviço de Deus e as delícias de sua mesa, damos a indigna preferência ao mundo e ao demônio, parece que quereríamos, por dizê-lo assim, dar ciúmes a nosso Deus e provocar sua indignação por um menosprezo que ultraja tanto sua bondade. Por ventura damos ciúmes a Deus? Isto é o que faz sentir e conhecer a malícia e o perigo dos pecados de recaída. *Tudo me é permitido, mas nem tudo é conveniente; tudo me é permitido, mas nem tudo edifica.* Quando não nos negamos nada do que se crê permitido, não estamos longe de conceder-nos alguma coisa mais do que a lei nos permite; sendo a caridade o espírito da lei, ela deve, por via de

regra, explicá-la e entendê-la segundo a utilidade e a edificação do próximo o pedem.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus (o impresso remete à pág. 76, isto é, ao dia 4).

Mateus 25,1-13

> **Latim:** 1 Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. 2 Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : 3 sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : 4 prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. 5 Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. 6 Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. 7 Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. 8 Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. 9 Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. 10 Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. 11 Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. 12 At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. 13 Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: 1 ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. 2 Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: 3 as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: 4 mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. 5 E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. 6 Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. 7 Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. 8 E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. 9 Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. 10 E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. 11 E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. 12 Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. 13 Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Que não há verdadeira liberdade senão no serviço de Deus

Primeiro ponto

Considera quão grosseiramente se enganam os homens em buscar a liberdade apartando-se do serviço de Deus: ignoram acaso que, quando não são de Deus, não são jamais de um só amo? Não são de Deus; são, pois, do mundo, que tem suas leis; são de seu amor-próprio, que tem suas máximas; são de suas paixões, que têm suas inclinações, e muito diferentes e muito várias. Não estão no serviço de Deus; estão sob a escravidão de mil tiranos que não lhes deixam um momento de repouso. Nossas paixões e as dos outros se põem todas de concerto para atormentar-nos. Que não se tem que sofrer da multidão dos concorrentes, da malícia dos invejosos, da má-fé desses amigos interesseiros, dessas almas venais que não buscam senão seus interesses em todas essas lisonjeiras demonstrações que vos dão de uma falsa amizade? Não sois verdadeiramente de Deus; sois, pois, de cem amos que não se convêm entre si, porque cada um tem interesses diferentes e miras muito opostas; e vos encontrais na fatal necessidade de não contentar jamais a alguém sem que sejais castigados por todos os outros. É isto gozar de uma grande liberdade? Bom Deus, é isto encontrar aquela liberdade tão doce, tão tranquila e de tanto consolo para os filhos de Deus? Fora de vosso serviço, que escravidão mais pesada? Que sujeição mais odiosa? Que violência mais servil que aquela em que se vive no mundo? É preciso suportar a uns, condescender com outros e depender de todos. E pelo contrário, no serviço de Deus, que doçura a de não depender de tantas sortes de pessoas, a de não ter que contentar senão a Jesus Cristo! Que vantagem, por exemplo, no estado religioso, e pode-se dizer quase o mesmo de todos os que amam a Deus e fazem profissão de estar em seu serviço; que vantagem a de não estar obrigados a contemplar os pequenos e os grandes, a de poder passar sem os serviços dos uns, sem o favor dos outros; e, por dizê-lo assim, sem olhar a cara a todos! Pode-se dizer, sem que seja exagero, que, se se tivesse que sofrer no serviço de Deus tudo o que indispensavelmente se tem que sofrer no serviço do mundo, não sei se o Senhor acharia muitos que o servissem. Com efeito, onde se podem encontrar tantas violências que sofrer, tantos respeitos que guardar, tantas pesadumes que dissimular, tantas ficções que engolir, tantas adulações, tantas baixezas que fazer como no mundo? Quando o que não está animado senão de seu espírito não se sujeitou a todas as suas leis, não se fez escravo de suas máximas? E este tirano encontra quem o sirva, e este amo bárbaro e duro tem quem o siga! E ao passo que o jugo do Senhor parece amargo e demasiado pesado, não falta quem se sujeite com tanto trabalho e tão a sua custa a todas as leis tirânicas do mundo!

Segundo ponto

Considera como não há parte alguma no mundo em que possa encontrar-se aquela liberdade que se lisonjeiam gozar os mundanos apartando-se de Deus. Não se encontra na corte nem em casa dos grandes: em nenhuma parte se está com mais violência, com mais apremio, com maior estreiteza, mais em escravidão. Não está tampouco nos empregos e cargos mais vistosos: não há coisa que dê mais sujeição; o que os ocupa é responsável de suas ações a todo o mundo: não é seu, é do público, o qual pretende que lhe deve até seu tempo e suas vigílias. Esta liberdade não está na vida particular: que tropel de negócios, todos os mais fatigosos; que escravidão não impõe

uma família, o cuidado de uma casa! O mundo é uma assembleia de escravos que não se consolam de sua escravidão senão pela generalidade da condição e pelo longo hábito que fizeram de seu serviço. Filhos do século, que lástima causais, lisonjeando-vos de uma liberdade que não tendes e que não se pode encontrar no mundo! Gritai quanto quiserdes liberdade: fazei ostentação de uma qualidade que só vos convém como a um cômico o nome e a qualidade de rei ou de imperador. Desenganai-vos: não há outra verdadeira liberdade que a liberdade dos filhos de Deus. O que está unido com Deus possui seu espírito; e a liberdade está sempre onde está o espírito de Deus. Deus se compraz em fazer a vontade dos que o temem, diz o Profeta. É verdade que no serviço de Deus há leis que guardar; mas quem não sabe que estas leis são mais doces e mais deliciosas que o mel mais requintado e que a paz e a tranquilidade são inseparáveis deste doce serviço? A vida dos que servem a Deus é regrada, uniforme, aprazível; mas cabalmente nesta regra e nesta uniformidade de conduta é onde se encontra uma verdadeira liberdade. Não há coisa mais desassossegada que uma vida sem ordem. Façamos juízo da doçura da vida das gentes de bem por seu gozo inalterável, o qual faz um dos mais belos traços de seu retrato: façamos juízo por aquela igualdade de humor que mostra quão contente está a alma; ao passo que os que estão no serviço do mundo vivem no tumulto, na inquietação, e não têm nem sequer liberdade de queixar-se de suas pesadumes e tédios.

Oh, Senhor! Já conheço a diferença que há entre os que servem ao mundo e os que vos servem a vós: fazei, por vossa graça, que eu me aproveite deste conhecimento.

Jaculatórias

Quanto mais doce é um dia passado no serviço de Deus que mil passados no serviço do mundo! (Sl 83.) Que doçuras não reservais, meu Deus, para os que vos temem! (Sl 30.)

Propósitos

1. Ponderem-se quanto se queira as insípidas e superficiais doçuras do mundo: lisonjeiem-se os mundanos de uma liberdade que não gozam; sempre será certo que não há nem pode haver verdadeira liberdade senão no serviço de Deus. Prova esta doce verdade servindo a Deus com uma fidelidade que seja à prova de todos os falsos raciocínios do mundo. Não olhes jamais como uma sujeição, como uma escravidão a exata pontualidade e a observância escrupulosa de teus exercícios de piedade e de tuas regras. A todos os que falam a gíria do mundo e dizem que as gentes de bem vivem demasiado sujeitas, dize-lhes que os mundanos são muito mais escravos e gemem mais sob a tirania em só oito dias que os devotos em toda a sua vida. Queres não sentir a sujeição? Sê cada dia mais exato e mais regular.

2. Faze-te uma lei e toma a resolução de não faltar jamais às mais pequenas obrigações de teu estado, nem à menor regra, e de observar com pontualidade tuas práticas de devoção, rezos ordinários, uso frequente dos Sacramentos, missa todos os dias, oração, leitura espiritual, visitas

regradas cada dia ao santíssimo Sacramento, retiro de um dia cada mês, outro retiro cada ano; quanto mais fiel fores em observar estas pequenas práticas de piedade, tanto mais experimentarás a doçura da liberdade dos filhos de Deus e o gosto que se acha em servir a tal dono. Faze todos os dias mais religiosa e mais exata tua fidelidade.

[^1]: Palavra grega que quer dizer *bem falada.*

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:46 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:46 by Admin